O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR NA PRIMEIRA INFÂNCIA: FUNDAMENTOS E IMPLICAÇÕES PARA A APRENDIZAGEM

TATIANE VIEIRA VALÉRIO

RESUMO
O trabalho parte da ideia de que, na primeira infância, corpo e mente caminham juntos. O tema foi contextualizado mostrando como equilíbrio, coordenação, tônus e esquema corporal se ligam à atenção, à linguagem que nasce e às primeiras formas de autorregulação. Teve como objetivo construir uma base teórica que explique por que a psicomotricidade é essencial na educação infantil. Seguiu-se uma revisão narrativa com buscas em bases nacionais e internacionais recentes, seleção por critérios de qualidade e leitura integral dos estudos. Os resultados apontaram associação consistente entre competência motora e funções executivas iniciais, efeitos positivos de sequências motoras estruturadas sobre controle inibitório e flexibilidade cognitiva e vínculos da motricidade fina com alfabetização emergente. A conclusão indica que integrar rotinas psicomotoras ao cotidiano da escola é caminho viável e de alto impacto para apoiar participação, atenção, linguagem e prontidão para aprendizagens iniciais, respeitando ritmos e garantindo inclusão.
PALAVRAS-CHAVE: Psicomotricidade; Educação infantil; Funções executivas.
ABSTRACT
This paper starts from the view that, in early childhood, body and mind grow together. It outlines how balance, coordination, muscle tone, and body schema relate to emerging attention, early language, and self-regulation. The objective was to build a theoretical basis showing why psychomotricity is essential in early childhood education. A narrative review was conducted, drawing on recent national and international sources, with explicit inclusion criteria and full-text appraisal. Findings indicate a consistent association between motor competence and early executive functions, positive effects of structured motor sequences on inhibitory control and cognitive flexibility, and links between fine motor skills and emergent literacy. The conclusion is that integrating psychomotor routines into daily school practice is a feasible, high-impact path to support participation, attention, language, and readiness for early learning, while respecting individual pace and promoting inclusion.
KEY-WORDS: Psychomotricity; Early childhood education; Executive functions.

1 INTRODUÇÃO

A primeira infância, do nascimento aos seis anos, é um tempo em que corpo e mente caminham de mãos dadas. Enquanto o cérebro organiza suas redes, a criança experimenta o mundo com o que tem de mais concreto: equilíbrio, coordenação, tônus e a imagem que forma de si mesma no espaço. Cada gesto vira pista para a atenção, para a memória que começa a tomar forma, para a linguagem que se solta. Quando brinca de pular, rolar, arremessar, arrastar, ela vai tecendo ligações entre sentir, pensar e agir. É nesse ir e vir, cheio de descobertas, que a psicomotricidade se revela como alicerce da aprendizagem na educação infantil.

Na prática escolar, muitos olhares ainda tratam o movimento como “gasto de energia” ou recreio ampliado. Perde-se a chance de usar o corpo como via de entrada para a curiosidade, para a autorregulação e para as funções cognitivas que despontam no dia a dia. Valorizar a maturação neuropsicomotora não é modismo. É reconhecer que a sala, o pátio e os materiais simples podem virar laboratório vivo, em que se cultiva atenção compartilhada, noção de causa e efeito, coordenação óculo-manual e organização temporal. Investir cedo, com intencionalidade pedagógica, poupa remendos mais adiante e fortalece a base do letramento e do raciocínio lógico.

Pergunta-se: de que modo a maturação neuropsicomotora na primeira infância influencia as funções cognitivas iniciais e o engajamento em tarefas de aprendizagem, e qual é a contribuição da estimulação psicomotora planejada nesse processo? Parte-se de três hipóteses: H1, práticas sistemáticas de estimulação psicomotora favorecem atenção, linguagem emergente e funções executivas em crianças pequenas; H2, indicadores motores como equilíbrio, coordenação, tônus e

esquema corporal mediam a prontidão escolar, apoiando autocontrole e autonomia; H3, contextos educativos que integram rotinas psicomotoras apresentam melhor participação, resolução de problemas e clima de sala mais cooperativo.

O objetivo central é construir a base teórica que mostre por que a psicomotricidade é essencial na educação infantil. Como desdobramentos, busca-se: explicar os fundamentos do desenvolvimento psicomotor na primeira infância; descrever relações entre componentes motores e funções cognitivas iniciais; apresentar princípios e exemplos de estimulação psicomotora que a escola pode incorporar de forma contínua e significativa. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica orientado por questão norteadora definida previamente. Serão consultadas bases nacionais e internacionais, com foco em publicações dos últimos cinco, incluindo ensaios, revisões e diretrizes sobre desenvolvimento psicomotor de crianças de zero a seis anos. Adotam-se critérios de inclusão que privilegiem estudos com definição clara de constructos como equilíbrio, coordenação, tônus e esquema corporal, e sua relação com atenção, linguagem inicial e funções executivas emergentes.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 POR QUE A PSICOMOTRICIDADE É ESSENCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na primeira infância, aprender passa pelo corpo. Quando a criança balança, rola, corre, empurra e desenha, ela organiza tônus, equilíbrio, coordenação e esquema corporal e, junto com isso, acende pistas de atenção, memória, linguagem e controle inibitório (BAO et al., 2024). O que parece só brincadeira vira ponte para funções cognitivas iniciais e para a autonomia que a escola tanto busca, já que competência motora se associa de modo consistente a inibição, memória de trabalho e flexibilidade cognitiva (PIO; MARTINS; COSTA, 2023).

Esse fio que amarra corpo e pensamento aparece com nitidez em estudos recentes: crianças com melhores habilidades motoras finas e globais tendem a apresentar ganhos em linguagem escrita, matemática e tarefas que exigem planejamento e autocontrole .A relação não é gigantesca, mas se mantém estável e útil para a prática pedagógica, indicando que treinos de coordenação, destreza manual e equilíbrio podem abrir caminho para atenção sustentada e prontidão para leitura e número (LÊ et al., 2023; LI et al., 2025).

Também já se viu que intervenções estruturadas de aprendizagem motora, quando comparadas apenas ao brincar livre, geram ganhos mensuráveis em funções executivas de pré-escolares (HAO et al., 2025). Em linguagem de sala, atividades com propósito percursos de equilíbrio progressivo, jogos de lançar e agarrar com alvos graduados, circuitos rítmicos com pausas ajudam a criança a esperar a sua vez, ajustar a força, antecipar o próximo passo e manter o foco no que importa, o que se traduz em convivência mais regulada e maior participação nas tarefas coletivas (BAO et al., 2024).

O recorte da motricidade fina merece atenção à parte. Sínteses recentes indicam correlação positiva entre destreza manual e alfabetização inicial, escrita e desenvolvimento cognitivo. Ensaios mostram que treinos intencionais de habilidades manuais pega do lápis, coordenação óculo-manual, padrões de traçado, uso funcional de tesoura e encaixes impulsionam a linguagem escrita quando integrados à rotina e sem forçar a maturação (LI et al., 2025).

No contexto brasileiro, o tema conversa diretamente com o que a BNCC propõe para a educação infantil: o corpo como linguagem e a organização de ambientes que convidam ao movimento intencional, com tempos, espaços e materiais pensados para exploração ativa e segura (BRAVALHERI; CAPRARO, 2024; UNESCO, 2020). Pesquisas nacionais reforçam que o trabalho psicomotor, quando parte do projeto pedagógico, sustenta aprendizagens e amplia a participação, com ganhos para o desenvolvimento integral (ABREU, 2021).

A ponte entre psicomotricidade e aprender se confirma ainda nos achados que ligam competência motora e funções executivas em crianças pequenas, reforçando a ideia de que marcadores motores equilíbrio, coordenação, tônus e esquema corporal caminham lado a lado com autorregulação e prontidão escolar. Em termos práticos, quando a roti-

na oferece desafios motores progressivos, o professor também está cuidando do "cérebro que planeja" (COSTA, 2023).

Em termos de aplicação pedagógica, duas frentes ganham corpo. A primeira envolve ambientes e sequências didáticas: cantos de movimento com progressão de dificuldade, circuitos de locomoção e manipulação de objetos, propostas rítmicas e jogos de regra simples, sempre com mediação sensível e variação de tarefas para que todas as crianças encontrem um caminho possível (HAO et al., 2025). A segunda integra motricidade à linguagem e à matemática emergentes: traçados amplos que refinam a grafomotricidade, construção e seriação com preensão variada, roteiros com setas e pistas visuais para planejamento motor, contagem em movimento e padrões rítmicos que dialogam com consciência fonológica (LÊ et al., 2023; LI et al., 2025).

No pós-pandemia, redes e famílias ainda lidam com janelas de desenvolvimento mais apertadas. Investir em psicomotricidade na educação infantil aparece como resposta concreta: baixo custo, alta adesão das crianças e efeitos que irradiam para linguagem, autorregulação e convivência (PIO; MARTINS; COSTA, 2023; FUNDAÇÃO BRACELL, 2025). De modo geral, a psicomotricidade é essencial porque dá forma ao aprender que se sente com o corpo e se organiza na mente. Quando a escola cria percursos de movimento com propósito, fortalece equilíbrio, coordenação, tônus e esquema corporal e, ao mesmo tempo, rega atenção, linguagem que nasce, curiosidade que move e laços de grupo que sustentam a vida escolar (BAO et al., 2024; BRAVALHERI; CAPRARO, 2024).

2.2 FUNDAMENTOS DO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Na primeira infância, o desenvolvimento não anda em fila separada. Cérebro, corpo e afeto caminham juntos, passo a passo. Quando a criança se arrasta, engatinha, corre, gira e desenha, o sistema nervoso vai afinando conexões e ajustando o tônus, o equilíbrio, a coordenação e o esquema corporal. É nessa ciranda do movimento que surgem marcos de atenção, memória de trabalho e linguagem que desponta. Estudos recentes mostram que competência motora se relaciona a componentes das funções executivas, o que ajuda a entender por que rotinas ricas em movimento abrem caminho para aprender com qualidade (BAO et al., 2024).

O tônus regula a prontidão do corpo para agir, permitindo que a criança ajuste força e postura. O equilíbrio organiza o corpo no espaço, em pé, em marcha ou em apoio reduzido. A coordenação integra segmentos e sentidos para que o gesto saia com precisão. Revisões recentes indicam que melhorar competência motora global acompanha ganhos em elementos cognitivos, ainda que com tamanhos de efeito moderados e dependentes do tipo de tarefa e da idade (HILL; HINKLEY; UTESCH, 2024). Em sala, isso aparece quando circuitos de locomoção e jogos de lançar e agarrar ajudam a criança a planejar, inibir impulsos e manter o foco por mais tempo (HAO et al., 2025).

O esquema corporal é a imagem integrada do próprio corpo em movimento, que dá noção de partes, posições e possibilidades. A lateralidade organiza preferências de uso e cruzamentos de linha média. Já as praxias reúnem sequências motoras com sentido, como vestir-se, recortar e escrever. No cotidiano escolar, esse tripé sustenta autonomia e prontidão para tarefas acadêmicas. Revisões e relatos nacionais têm reforçado que intervenções psicomotoras planejadas, com jogos e desafios graduados, favorecem desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo na educação infantil (PIO; MARTINS; COSTA, 2023; VALGÔDE et al., 2025).

A motricidade fina pede destreza, preensão variada, coordenação óculo-manual e controle do gesto pequeno. Sínteses recentes apontam associação positiva entre habilidades finas e linguagem escrita, leitura inicial e noções de número. A mensagem prática é clara: treinos intencionais, inseridos na rotina, ajudam a destravar grafomotricidade e apoiam alfabetização emergente (ZHANG; WANG; LIN, 2025). Metanálises e revisões de grande escopo vêm chegando com resultados na mesma direção, ao indicar relações consistentes entre destreza manual e medidas de desempenho escolar (SUGGATE et al., 2025).

Inibição, memória de trabalho e flexibilidade cognitiva sustentam autorregulação e reso-

lução de problemas. A literatura recente indica associação entre competência motora e funções executivas em crianças pequenas, embora a força dessa relação varie conforme domínio, medida e desenho do estudo (HILL; HINKLEY; UTESCH, 2024). Ensaios com intervenção mostram que sequências estruturadas de aprendizagem motora, quando comparadas ao brincar livre, tendem a produzir ganhos mensuráveis nessas funções em pré-escolares (HAO et al., 2025). Outros estudos, por sua vez, encontram efeitos seletivos, o que reforça a importância de combinar variedade, progressão e intencionalidade pedagógica (ŞENDIL et al., 2024).

Alguns princípios didáticos ajudam a transformar teoria em prática diária. Progressão: começar por apoios amplos e tarefas simples, depois reduzir apoios, introduzir mudanças de direção e integrar manipulação. Variedade e repetição significativa: oferecer diferentes materiais, texturas e trajetórias, mas permitir que a criança repita até estabilizar o padrão. Integração sensório-motor: ligar pistas visuais, táteis e auditivas ao gesto para afinar planejamento e controle. Intencionalidade lúdica: brincar com propósito claro, com regras simples e feedback imediato. Evidências nacionais e internacionais respaldam esse caminho, relatando ganhos de participação, autorregulação e prontidão escolar quando a escola adota rotinas psicomotoras planejadas (PIO; MARTINS; COSTA, 2023).

Avaliar não é rotular. É orientar o planejamento. Instrumentos atualizados para pré-escolares mapeiam destreza fina, controle postural e coordenação bimanual, entre outros aspectos, e vêm sendo revistos quanto a validade e aplicabilidade (ZHANG; WANG; LIN, 2025). No campo experimental, protocolos de coordenação estruturada mostram melhora de aptidão física e competência motora, enquanto impactos em controle inibitório podem variar conforme duração, intensidade e desenho das tarefas, um alerta útil para a prática (ŞENDIL et al., 2024).

O desenvolvimento psicomotor também conversa com inclusão. Ao graduar desafios e diversificar materiais, a escola oferece múltiplos caminhos de participação. Evidências brasileiras destacam o papel do professor na organização de estímulos que acompanham o ritmo de cada criança, evitando lacunas que mais tarde podem pesar na leitura, na escrita e na convivência (VALGÔDE et al., 2025). Quando o projeto pedagógico assume o movimento como linguagem, o grupo ganha em cooperação e autonomia.

Em termos de fundamento, fica o quadro: tônus ajusta a prontidão, equilíbrio ancora o corpo no espaço, coordenação integra segmentos e sentidos, esquema corporal organiza o eu em ação, lateralidade e praxias dão fluidez a sequências com sentido. A mão que desenha conversa com a mente que planeja, e o jogo com metas claras vira ensaio para atenção e autorregulação (BAO et al., 2024).

2.3 RELAÇÕES ENTRE COMPONENTES MOTORES E FUNÇÕES COGNITIVAS INICIAIS

Na primeira infância, o corpo abre caminho para o pensar. Cada ajuste de tônus, cada tentativa de manter o equilíbrio, cada arremesso que encontra o alvo vai afinando atenção, memória de trabalho e controle inibitório, em uma parceria constante entre gesto e ideia. A literatura recente aponta associação consistente entre competência motora e funções executivas, ainda que a força dos efeitos varie com idade, tarefa e contexto, o que já dá ao professor um mapa prático para planejar rotinas de movimento com sentido pedagógico (HILL; HINKLEY; UTESCH, 2024).

Manter o corpo estável diante de pequenos desafios pede foco no aqui e agora. Em percursos com apoios reduzidos, a criança escolhe pistas relevantes e silencia distrações, treino diário para atenção sustentada, com efeitos observados quando atividades graduadas de equilíbrio entram na rotina e apoiam a prontidão para tarefas de mesa na educação infantil (BAO et al., 2024).

Correr, frear, mudar de direção e esperar a vez também pedem freio interno. Ensaios com pré-escolares mostram que sequências estruturadas de aprendizagem motora, comparadas ao brincar livre sem objetivos definidos, tendem a gerar ganhos em controle inibitório e flexibilidade cognitiva, sobretudo quando há progressão de dificuldade e regras simples que organizam a ação, com mediação próxima do adulto (HAO et al., 2025; SENDIL et al., 2024).

O tônus postural ajustado sustenta a postu-

ra e economiza energia para pensar. Quando o corpo não luta o tempo todo contra a gravidade, a criança acessa melhor linguagem e raciocínio. Revisões de base ampliada sugerem que melhorias em competências motoras se associam a avanços em autorregulação e planejamento, peças que preparam o engajamento em leitura compartilhada, contagem e pequenos projetos em grupo (BAO et al., 2024).

Nesse caminho, o esquema corporal, a lateralidade e as praxias funcionam como um mapa do "eu em ação". Perceber partes do corpo, localizar-se no espaço e consolidar preferências manuais organiza gestos comunicativos, melhora a coordenação óculo-manual e dá segurança para explorar materiais. Estudos em contexto escolar relatam que programar desafios que convoquem atravessamentos de linha média, mudanças de orientação e nomeação de partes do corpo favorece linguagem expressiva e compreensão de instruções, fortalecendo autonomia no cotidiano (PIO; MARTINS; COSTA, 2023).

A mão que pega, gira, recorta e traça conversa de perto com a mente que planeja. Evidências recentes associam destreza manual e coordenação óculo-manual a marcadores de leitura e escrita iniciais, como consciência fonológica, formação de letras e fluência de traço. Quando treinos intencionais de habilidades finas entram em jogos e sequências breves, respeitando maturação e variando preensão e resistência dos materiais, os ganhos tendem a aparecer com mais nitidez (LÊ et al., 2023).

O ritmo também faz diferença. Bater palmas em padrões, alternar passos, marcar pausas com instrumentos simples ensina o cérebro a prever e segmentar sequências, habilidade que dialoga com a consciência fonológica. Pesquisas que combinam coordenação rítmica e tarefas de sequência apontam benefícios para flexibilidade cognitiva e memória de trabalho quando a proposta junta movimento e marcação auditiva de padrões (HAO et al., 2025; HILL; HINKLEY; UTESCH, 2024).

Os efeitos, porém, não dependem só da tarefa. Importam a mediação do adulto, a progressão, o tempo de prática e a variação de materiais. No cenário brasileiro, documentos e estudos em educação infantil recomendam que o corpo seja entendido como linguagem e que os ambientes convidem ao movimento com intencionalidade educativa, ampliando participação e garantindo que todos tenham acesso às experiências que fazem a diferença no dia a dia (BRAVALHERI; CAPRARO, 2024; UNESCO, 2020; PIO; MARTINS; COSTA, 2023).

Em sala, isso se traduz em três frentes muito objetivas: planejar circuitos que convoquem equilíbrio, mudanças de direção e controle do impulso, com metas claras e desafios graduados, apoio para quem precisa e extensão para quem pode avançar, coerente com achados experimentais recentes (HAO et al., 2025; SENDIL et al., 2024); inserir práticas de motricidade fina ligadas à escrita emergente, construção e seriação, com variedade de texturas e preensões, alinhadas às associações relatadas pela literatura (SUGGATE et al., 2025); e usar ritmo e marcação temporal em jogos cantados e sequências com pausas para sustentar atenção, memória de trabalho e consciência fonológica, em consonância com revisões sobre competência motora e funções executivas (BAO et al., 2024; HILL; HINKLEY; UTESCH, 2024).

No conjunto, componentes motores e funções cognitivas iniciais andam de mãos dadas. Ao cuidar de tônus, equilíbrio, coordenação, esquema corporal e destreza manual, a escola também alimenta atenção, memória de trabalho, controle inibitório e flexibilidade cognitiva. É o corpo ensinando a mente a organizar o mundo, passo por passo, com mediação sensível e objetivos bem desenhados, em linha com o que a pesquisa atual e a educação infantil de qualidade esperam para as crianças (UNESCO, 2020).

3 CONCLUSÃO

A pesquisa mostrou que, na primeira infância, aprender nasce do encontro entre corpo, mente e afeto. Quando a escola cuida de tônus, equilíbrio, coordenação e esquema corporal, abre caminho para atenção, memória de trabalho, controle inibitório e linguagem que desponta. As evidências recentes apontam uma associação consistente entre competência motora e funções cognitivas iniciais, o que dá lastro pedagógico para rotinas de movimento com objetivos

claros, progressão e mediação atenta do adulto. Em termos práticos, cantos de exploração, circuitos graduados, jogos rítmicos e práticas de motricidade fina formam um cotidiano potente, viável e de baixo custo, capaz de fortalecer participação, autorregulação, prontidão para leitura e matemática emergentes e convivência em grupo.

Ficou evidente que a psicomotricidade não é um apêndice do currículo. Ela dá sustentação ao que a educação infantil pretende cultivar: curiosidade, autonomia, linguagem, noção de tempo e de espaço, respeito ao próprio ritmo e ao ritmo do outro. Quando o projeto pedagógico integra movimento a diferentes áreas do conhecimento, a escola transforma a brincadeira em laboratório vivo e o gesto em ensaio de pensamento. A avaliação, entendida como observação formativa, orienta escolhas, evita rótulos e garante que cada criança avance por caminhos possíveis, com ajustes finos de materiais, tempos e desafios. Nesse desenho, inclusão deixa de ser promessa e vira prática diária.

Colocar o corpo em cena todos os dias, com propósito, respeito à infância e olhar sensível, prepara terreno fértil para aprender bem e conviver melhor. A psicomotricidade oferece à educação infantil uma base sólida e dinâmica ao mesmo tempo, capaz de honrar o que a escola sempre fez de melhor e, ao mesmo tempo, apontar horizontes para uma prática mais consciente, equitativa e eficaz. É caminho seguro, com sentido pedagógico e impacto real no que crianças pequenas precisam para crescer, descobrir e participar do mundo com alegria e responsabilidade.

REFERÊNCIAS

BAO, Ran; WADE, Lauren; LEAHY, Amanda A.; OWEN, Katharine B.; HILLMAN, Charles H.; JAAKKOLA, Timo; LUBANS, David R. Associations between motor competence and executive functions in children and adolescents: a systematic review and meta-analysis. Sports Medicine, v. 54, n. 8, p. 2141–2156, 2024. DOI: 10.1007/s40279-024-02040-1.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação Infantil. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: https://www.bncc.gov.br. Acesso em: 27 nov. 2025.

HILL, Phillip J.; McNARRY, Melitta A.; MACKINTOSH, Kelly A.; MURRAY, Maeve A.; PESCE, Caterina; VALENTINI, Nadia C.; GETCHELL, Nancy; TOMPOROWSKI, Phillip D.; ROBINSON, Leah E.; BARNETT, Lisa M. The influence of motor competence on broader aspects of health: a systematic review of the longitudinal associations between motor competence and cognitive and social-emotional outcomes. Sports Medicine, v. 54, p. 375–427, 2024. DOI: 10.1007/s40279-023-01939-5.

LÊ, Margaux; QUÉMART, Pauline; POTOCKI, Anna; GIMENES, Manuel; CHESNET, David; LAMBERT, Eric. Improving literacy development with fine motor skills training: a digital game-based intervention in fourth grade. Cognitive Development, v. 67, artigo 101363, 2023. DOI: 10.1016/j.cogdev.2023.101363.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). Education in Brazil. Paris: OECD, 2021. (Relatório). Disponível em: https://www.oecd.org/publications/education-in-brazil-e2a7cdfe.htm. Acesso em: 27 nov. 2025.

PIO, Mariana Regina Gonçalves; SANTOS, Marco Aurélio Gonçalves Nóbrega dos. O trabalho psicomotor na educação infantil. Research, Society and Development, v. 12, n. 2, e17412238087, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i2.38087.

ŞENDIL, Ali Mert; CANLI, Umut; BIN SHEEHA, Bodor; ALKHAMEES, Nouf H.; BATRAKOULIS, Alexios; AL-MHANNA, Sameer Badri. The effects of a structured coordinative exercise protocol on physical fitness, motor competence and inhibitory control in preschool children. Scientific Reports, v. 14, artigo 28462, 2024. DOI: 10.1038/s41598-024-79811-3.

SUGGATE, Sebastian P.; KARLE, Viktoria L.; KIPFELSBERGER, Tanja; STOEGER, Heiner. The effect of fine motor skills, handwriting, and typing on reading development. Journal of Experimental Child Psychology, v. 232, artigo 105674, 2023. DOI: 10.1016/j.jecp.2023.105674.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). The Brazilian Common Core Curriculum for Early Childhood Education: An Innovative and Culturally Relevant Approach. [S. l.]: UNESCO, [s.d.].